

DO PRODUTIVO AO REPRODUTIVO: OS PAPÉIS DAS MULHERES RURAIS NO MUNICÍPIO DE ARROIO DO PADRE (RS)

FABIANA DA SILVA ANDERSSON¹; FERNANDA NOVO DA SILVA², DAIANE ROSCHILDT SPERLING³; CÁTIA GRISA⁴; NADIA VELLEDA CALDAS⁵

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (PPGSPAF), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Políticas Públicas para a Agricultura Familiar (NUPEAR) – fabianandersson@gmail.com

² Pós-doutora no Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (PPGSPAF), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Políticas Públicas para a Agricultura Familiar (NUPEAR) – fernandanovo@gmail.com

³ Graduanda do curso de Agronomia, da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Políticas Públicas para a Agricultura Familiar (NUPEAR) – daianesperling@hotmail.com

⁴ Prof^a. Dr^a. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – catiagrisa@yahoo.com.br

⁵ Prof^a. Dr^a. da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM), do Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (PPGSPAF), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Políticas Públicas para a Agricultura Familiar (NUPEAR)– velleda.nadia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Não se pode iniciar as discussões sem expressar, a partir de uma postura afirmativa, que as mulheres foram, e ainda o são, excluídas dos espaços de participação e decisão. Para Graziano da Silva (1982), o cenário de desvantagem vivenciado por elas logrou expressão com a modernização conservadora da agricultura. Como tal modelo não abarcou a totalidade da agricultura brasileira, mostrando, inclusive, seu lado nefasto (contaminação das águas e dos solos, êxodo rural, entre outros), começaram a ser pensadas novas formas de desenvolvimento centradas, por exemplo, nos princípios da Agroecologia.

A Agroecologia, segundo Nascimento (2000), tanto capacita os indivíduos ao poder compartilhado como fortalece os laços de coesão – fomentando processos de empoderamento que levam ao “autodesenvolvimento”.

Neste sentido, este estudo pretende analisar se e como a Agroecologia potencializa os papéis das mulheres rurais do município de Arroio do Padre (RS), no sentido de efetivar e visibilizar a atuação delas nos espaços rurais. Para dar conta dessa temática, na sequência serão apresentados os aportes metodológicos que propiciaram a discussão dos resultados e, por fim, serão discorridas as principais considerações finais.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, teve como principal técnica as entrevistas em profundidade, as quais foram realizadas com um universo de 05 mulheres rurais do município de Arroio do Padre, Rio Grande do Sul.

É válido ressaltar que todas as entrevistas ocorreram no decorrer do período de agosto de 2012. Outrossim, a escolha das entrevistadas deu-se a partir da técnica da bola de neve, em que a realização de uma entrevista orientava a entrevista seguinte e, assim, sucessivamente até que se alcançou um nível suficiente de informações (QUINTANA PEÑA, 2006).

Todas as entrevistas foram gravadas com auxílio de gravador e tiveram o consentimento prévio do entrevistado, sendo posteriormente transcritas e analisadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“[...] Sabem quem é a mulher rural? A mulher rural de verdade, vamos dizer assim, é aquela que nasceu na roça, se criou na roça e mora na roça. Ela casou na roça, com uma criatura que pensa igual ao pai dela, e vive ali. Que visão de mundo tem essa criatura?” (Entrevistada Carmem, Arroio do Padre, set./2012).

Embora a afirmação acima imprima certa aspereza, ela não está totalmente fora do atual contexto posto as mulheres rurais no município de Arroio do Padre. No entanto, concordar com tal generalização é minimizar a importância dos papéis desempenhados por essas mulheres.

O que se sabe, a partir da realização das entrevistas, é que parcela significativa delas nasceram, foram criadas, casaram e ainda permanecem em propriedades rurais pertencentes a família (delas ou do esposo). Outrossim, todas são filhas de agricultores, se casaram com agricultores e tem, de uma forma ou outra, a agricultura como o carro chefe da renda familiar.

A partir do perfil do universo empírico da pesquisa, se observa uma das mulheres rurais entrevistadas foi, ainda jovem, para a cidade, a fim de continuar seus estudos. As outras quatro, afirmam ter residido nas propriedades dos pais, inclusive após o casamento, desempenhando funções tanto nas áreas produtivas (lavoura), atuando par a par com os pais e esposos, quanto reprodutivas (casa, lar), auxiliando a matriarca da família nos afazeres domésticos.

Para Moser (1985), independentemente se solteiras ou casadas, as mulheres desempenham os mesmos papéis das mães, avós, tendo como principal responsabilidade o cuidado com a casa e ajudando, sempre que solicitada, nas atividades próprias da lavoura.

No que tange aos sistemas produtivos, das cinco propriedades investigadas, duas investem no cultivo do fumo convencional (uso de agrotóxicos), considerado o carro chefe para a formação da renda familiar. Ainda assim, é evidente o interesse em reduzir a área tabagista e ampliar as áreas destinadas a outros cultivos, inclusive aqueles de base ecológica, como é o caso do morango e outras hortaliças.

Há no município de Arroio do Padre, desde o ano de 2011, a Cooperativa Agropecuária de Arroio do Padre (Coopap). Uma das interlocutoras que produz fumo, está cooperada à esta cooperativa e participa da equipe diretiva da mesma,

tendo por intuito buscar novos mercados e outros sistemas de cultivo, mais sustentáveis.

As outras duas interlocutoras não cultivam o fumo – asseveram nunca ter cultivado – e se consideram “agricultoras ecológicas”. Ambas são cooperadas à Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Ltda. e desenvolvem atividades em prol da Agroecologia em suas propriedades desde o ano de 2001 (ano de fundação da Sul Ecológica), comercializando seus produtos através da cooperativa para os mercados institucionais e em feiras ecológicas nos centros urbanos mais próximos (Pelotas e Canguçu).

Ainda que Bahía (2000) afirme que os mercados são espaços notadamente masculinos, próprios dos homens, as interlocutoras contestam, compreendendo esses como locais igualmente delas.

É interessante comentar que somente uma das interlocutoras não se considera “agricultora” pois, após o casamento, se dedicou mais à costura que à agricultura, auxiliando o marido, visto por ela como “agricultor ecológico”, nos momentos de necessidade de mão de obra nos cultivos. No entanto, há que se ter em mente que ela é uma exceção – as outras quatro se afirmam agricultoras de “toda a vida”.

4. CONCLUSÕES

Conquanto se observe que as interlocutoras ou estão em processo de conversão ou já se encontram em meio às práticas agrícolas em prol da Agroecologia, infelizmente, pouco alteraram as relações com seus cônjuges “dentro de casa”. Quer dizer, ainda que atuem na agricultura par a par com eles e, em alguns casos, até mais, são elas que articulam todas as tarefas condizentes com o doméstico, com o lar.

Neste sentido, se pode afirmar que a Agroecologia realmente potencializou a participação delas na esfera produtiva, haja vista que estão nos espaços de tomada de decisão, nas cooperativas, nos sindicatos, se relacionando com outros ambientes para além da propriedade familiar, a exemplo dos mercados. Porém, no que toca a distribuição dos afazeres como lavara roupa, louça, limpar a casa, preparar a comida, segue como responsabilidade exclusiva delas.

Com isso, se pode aferir que, mesmo com as possibilidades postas pela Agroecologia em potencializar os papéis das mulheres nos espaços rurais, evidenciando que o doméstico também é produtivo, há ainda muito trabalho a se fazer, especialmente no sentido da conscientização da divisão os trabalhos entre homens e mulheres.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSSON, F. S. **O processo de certificação de hortaliças na Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares Ltda.: um estudo de caso**. 2011, 132f. Dissertação (Mestrado em Agronomia). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2011.

ANDERSSON et al. A produção de base ecológica no território zona sul do Estado do Rio Grande do Sul: Controle social e protagonismo na agricultura familiar. **Revista de la Facultad de Agronomía**, La Plata, v. 112 (SIAL), 2013, p. 62-72;

BAHIA, J. **O tiro da bruxa: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo**. 2000. 328 p.il . Tese (Doutorado) – Curso de Pós-graduação RJ/MN/PPGAS. Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGAS;

GRAZIANO DA SILVA, J. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982;

NASCIMENTO, H. M. **Capital social e desenvolvimento sustentável no sertão baiano: a experiência de organização dos pequenos agricultores do município de Valente**. 2000. 124p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000;

QUINTANA PEÑA, A. Metodología de Investigación Científica Cualitativa. Psicología: **Tópicos de actualidad**, 2006, p. 47-84;

MOSER, A. **A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial**. Porto Alegre: EDIPAZ, 1985, 128p.